

Editorial

*Por Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa, Rubens da Cunha,
Thaís Fernanda Salves de Brito e Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins*

O segundo número da Revista Trilhos é lançado em meio a uma série de crises que ferem a experiência com a vida comum. Apesar da ampla caminhada em prol da vacinação, ainda há inúmeras barreiras simbólicas e políticas no combate à Covid-19. No encerramento desta edição, registrou-se 4,55 milhões de mortos no mundo, sendo cerca de 590 mil mortos no Brasil¹. Soma-se à situação sanitária, um acúmulo de crises: econômica, ambiental e da própria democracia.

Em meados de agosto de 2021, o mundo presenciou mais uma cena de pessoas buscando desesperadamente se moverem para fora de seu país em busca de segurança. Em virtude da retirada não planejada e desastrosa das tropas americanas do Afeganistão, após 20 anos de ocupação, e do retorno do grupo extremista Talibã à capital do país, Cabul, assistimos às cenas de Afegãos perdendo suas vidas na tentativa de entrar em aviões que levavam os cidadãos ocidentais de volta para seus países, em segurança.

Pessoas se movendo em busca de segurança não é novidade. O deslocamento forçado, a contingência de conflitos, perseguições, crises econômicas e políticas de controle migratório - que são cada vez mais rígidas e letais - têm levado pessoas a arriscarem suas vidas - e as de suas famílias - em uma luta desesperada pela sobrevivência. Violência e desespero assinalam os desfechos dos conflitos envolvendo as mobilidades humanas e as jornadas migratórias de muitos grupos na atualidade.

Nesta situação limítrofe que trazemos para a apresentação deste número da Revista Trilhos, vale destacar que nem todos os imigrantes estão em situação de deslocamento forçado. As pessoas migram para estudar, trabalhar, em busca de aventuras, porque se apaixonam... No entanto, seja por razões “de vida ou morte”, como nos casos que vimos no final da ocupação americana, entre milhares de refugiados no mediterrâneo ou, ainda, acerca das deportações norteamericanas que separam famílias, ou em busca de outras oportunidades, concluímos que a questão da imigração é cercada de estigmas.

¹ Segundo dados do DATASUS em 18 de setembro de 2021.

E, com eles, multiplicam-se as fronteiras que, longe de serem apenas físicas, são também signílicas, culturais e simbólicas. Por consequência, pensar a contínua redefinição e diversificação das fronteiras no atual contexto geopolítico implica considerá-las não apenas como espaços de exclusão e separação, mas, sobretudo, como zonas de intercâmbio, tensionamento, fissuras, traduções e intraduzibilidades, pelas quais se constroem novas subjetivações, espacialidades, percepções e formas de ação.

Nesse contexto, crescem os discursos políticos e midiáticos relacionados à presença do “outro” e às suas “singularidades” como um “problema social”, afetando a experiência não apenas daqueles que chegam, mas também o daqueles que já vivem em um dado território. Além disso, também é preciso considerar as complexas relações que caracterizam o processo de deslocamento em si, pois inúmeras são as negociações a serem realizadas entre os seus atores que, inclusive, podem vir a subverter e redefinir determinados papéis.

O dossiê “Mobilidades, controle e resistência: jornadas e inclusões diferenciadas” é composto por artigos que tanto problematizam as categorias de análise já existentes e que, cada vez mais, mostram-se insuficientes para apreender a ambivalência que caracteriza as mobilidades no atual cenário geopolítico, como apresentam experimentos de análise empíricos que, justamente, demonstram tais insuficiências e levantam novas hipóteses, proposições e encaminhamentos de análise.

A presença de pesquisas internacionais apresenta uma contribuição relevante para a discussão proposta, uma vez que nos anima a ampliar as referências teóricas e metodológicas. Vale a pena observar, entretanto, que alguns artigos são o resultado investigativo de pesquisadores, também imigrantes. Além disso, a experiência com a tradução levou a algumas adequações como, por exemplo, o uso da palavra *imigrante*, ao invés de *migrante*. No português, há uma diferença que distingue migrante e imigrante. “Migrante” é quem migra, quem muda periodicamente, quem se desloca. “Imigrante” trata, também, de quem migra, mas é aquele que se estabelece. Há, ainda, a palavra emigrante, destinada àquele que sai. As traduções deste dossiê foram realizadas a partir do inglês, cuja grafia marcava *migrant* e, como decisão do corpo editorial, priorizamos, em algumas situações, a palavra imigrante, e noutras, usou-se migrante, sendo este um exercício ou uma tentativa de aproximação dos debates propostos pelos autores. Traduzir, de certa forma, não deixa de ser um exercício de migração, portanto, segue essa ressalva.

O artigo que abre este dossiê, intitulado “A lei e seus Outros: a negociação e a produção do “bom” (“legal”) o “mau” (“ilegal”) migrante entre os brasileiros em Londres”, de autoria de Angelo Martins Junior, discute a maneira pela qual migrantes brasileiros residentes em Londres se baseiam em categorias administrativas do serviço de imigração para estabelecer a distinção material e simbólica entre o migrante “legal” ou “bom” e, por isso, merecedor da cidadania estrangeira, e o “ilegal” ou “mau”. O sociólogo aborda as contradições presentes nos discursos maniqueístas, e na própria dicotomia entre “legal” e “ilegal”, analisados na sua investigação, uma vez que explicita que muitos migrantes, considerados “bons”, realizam atos “ilegais” para, assim, conquistarem a legalidade, e o modo pelo qual eles justificam a legitimidade de suas ações.

Para além das lógicas moralizantes e maniqueístas, o artigo “A dinâmica de gênero na dissuasão da migração e intervenções anti-tráfico: o caso das

profissionais do sexo nigerianas em Kumasi, Gana”, de Samuel Okyere, apresenta em uma pesquisa cuidadosa e detalhada sobre a criação de uma nova rota de contrabando/imigração irregular de mulheres da África Ocidental para a realização de trabalho sexual e outros trabalhos precários em países da União Europeia. O artigo discute as ambivalências e paradoxos que envolvem as relações entre facilitadoras e “clientes” nigerianas que, longe do padrão “explorador-explorado”, muitas vezes, se caracterizam pelo sentimento de “gratidão” pelas facilitadoras, que cobram altos valores pelo serviço prestado e pelos custos relacionados às viagens.

Diferentemente dos artigos anteriores, que partem de estudos empíricos, Bridget Anderson, no texto “O fazer e o não-fazer de imigrantes e cidadãos: repensando o estudo de movimento humano”, apresenta uma discussão teórico conceitual sobre os estudos sobre mobilidades humanas, em que questiona os equívocos provenientes do nacionalismo metodológico e das categorias administrativas criadas pelos Estados para situar a condição dos imigrantes. Com isso, a autora objetiva desnaturalizar a divisão entre “imigrante” e “cidadão”, ainda muito recorrente nos estudos sobre o tema, e aponta para a necessidade de se pensar novas categorias e abordagens capazes de apreender a complexidade que caracteriza as mobilidades e mobilidades humanas na atualidade.

Em “Criação musical a partir de caminhadas em uma cidade do Norte Global e o corte da pandemia: uma experiência composicional na cidade de Berlim em meio à quarentena do Covid-19”, Alexandre Sperandéo Fenerich apresenta uma reflexão sobre o experimento de criação de uma peça musical, realizado em 2020, na cidade de Berlim, durante a pandemia do novo coronavírus. Para tal, o autor faz uso da sua própria condição estrangeira, ou seja, de brasileiro residente na capital alemã, e da polifonia de vozes e línguas apreendidas nas ruas, provenientes de distintos lugares do mundo e que, na maioria das vezes, não distingue nem o significado e nem o sentido das palavras, e o levam a refletir sobre alteridade linguística, ser estrangeiro e sentir-se fragmentado diante da reclusão obrigatória.

Por fim, no último artigo que compõe este dossiê, intitulado “Lar é...”, de Sophia Cantave: um ensaio autobiográfico sobre a diáspora haitiana nos Estados Unidos”, Camila Rodrigues Francisco apresenta a tradução do trecho de um ensaio da escritora haitiana Sophia Catave, em que a autora expõe as contradições que envolvem sua condição estrangeira e de sua família que emigraram para os Estados Unidos.

No mesmo sentido do Dossiê, mas por outros percursos, as experiências que compõem o Fluxo contínuo da Revista Trilhos caminham nas encruzilhadas discursivas da fotografia, da performance, da análise linguística, do teatro e da relação entre pensamento social e a capoeira.

Estes trânsitos, deslocamentos, trechos e trilhas da edição se encontram na capa da Revista. A proposta fotográfica é de Geisa Lima dos Santos, intitulada “Cartografias e desertificações (in) humanas”. Enquanto corpo em linguagem, a artista inscreve sua experiência e criação artística no discurso fotográfico, inserindo novos olhares e caminhos de apreensão da realidade. As fotografias da autora, que também percorrem o interior da revista, nos convidam a refletir sobre

a hipersensibilidade ou hiperestesia proposta por Evelyne Grossmana². Para ela, a hipersensibilidade ou a hiperestesia seria o momento agudo percebido por apenas alguns corpos ao mínimo acesso do contato (seja visual, gustativo, tátil, auditivo ou olfativo). Esse transbordamento de sensações pode causar nesse indivíduo dois sentimentos próximos, mas conflitantes: muita dor e demasiada excitação. Mas o corpo e o sujeito estão em crise³, em deslocamento, em trânsito forçado. Como, então, essas sensações atravessam o sujeito cotidiano? Nos tempos atuais, a crise do corpo vem pelo desmoronamento do sujeito, pela lacuna do afeto, pela ruína política e pelo desvio da ética. Esse corpo, antes anestesiado pelos acontecimentos (talvez pelo excesso de dor empática), acorda e se vê em uma bolha sufocante de sucessivos ataques sensoriais. O que acalanta e retoma a humanidade suspensa na longa esfera de solidão? A arte, a esperança, a cultura, a solidariedade e o corpo em discurso político. Embora pareçam ideias ou conceitos distantes, na atualidade elas se acercam e se articulam em rede para atravessar a bolha e colocar o humano *in loco*.

Nesse mesmo trajeto de imbricações não convencionais, Maurício Acuña nos convida, no artigo “Escritos de geração: Jorge Amado e Edison Carneiro na roda da capoeira”, a percorrer uma forma de percepção contemporânea de conhecimento através da capoeira, da literatura e da etnografia, tendo a ginga e o jogo como um espaço de encontros e de possibilidades. Nessa incomum roda de saberes e fazeres, e nas confluências entre a cultura popular e a cultura universitária, o autor nos apresenta uma dimensão política, social e histórica que se erige como possível mecanismo pedagógico e metodológico de aprendizagem e de construção do pensamento social brasileiro.

No mesmo caminho da singularidade, Vinícius Brito, no artigo “Efeitos do exotismo: Ideologia na prática do jornalismo de viagens”, propõe uma análise discursiva complexa do jornalismo de viagens que, pelo viés ideológico do exotismo, executa um intenso processo comercial e subjetivo da cidade. Nesse texto, Brito reflete, mesmo que de maneira sintetizada (mas nem por isso superficial), sobre os conceitos de ideologia e exótico, para levantar questões pertinentes sobre o jornalismo de viagens na contemporaneidade.

Por outro lado, no artigo “Sede de grupos de teatro: espaço de afeto dedicado à produção de memória e conhecimento”, Thiago Carvalho apresenta uma reflexão sobre a importância do espaço/sede para grupos de teatro. O texto concentra-se na experiência de alguns grupos da cidade de Salvador, apontando a importância destes ambientes para seus processos criativos, bem como as dificuldades enfrentadas pelos grupos para manter esses lugares.

Por fim, Thlgrasa Almeida nos traz um artigo sobre seus caminhos no desenvolvimento de planos metodológicos de uma pesquisa teórico-prática sobre a arte da performance. São experimentações estéticas e teóricas que se aprofundam e atravessam a inter, a multi e a transdisciplinaridade. Para isso contempla-se o *work in process*, a rebeldia e a indisciplina no desenvolvimento de uma pesquisaperformance. Talvez, aqui, o corpo que vai e volta, viaja e se

² Em *Corpos hipersensíveis: para além da diferença dos sexos*. Trad. Ana Kiffer. Dinamarca Zazie Edições, 2016. (Col. Pequena Biblioteca de Ensaios)

³ Breve menção ao livro de Christine Greiner, *O corpo em crise: novas pistas e o curto-circuito das representações*. São Paulo: Annablume, 2010. (Col. Leituras do Corpo)

encontra em uma nova casa, que pode ser a mesma de sempre, apenas reconhecida ou refeita de outra forma.

Paulo Nazareth, ao tratar em suas incríveis obras sobre viagens e retornos, afirma que “ao final, todas as grandes viagens retornam para dentro de casa”, talvez, este segundo número da Trilhos seja o resultado deste tipo de andança e, por isso, se compôs de corpos, identidades, desejos, frustrações e pensamentos em trânsito. Esperamos, assim, que esta transitoriedade de palavras, argumentos, imagens e imaginações fomentem encontros e escapes, revelando mais uma possibilidade desta (e de outra) jornada.